

A dualidade Amor e Ódio na relação conjugal

“Eu vos declaro marido e mulher na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza”, disse-vos o padre, o pastor, o cerimonialista, o monge... e eu acrescento: “... “no amor e no ódio de cada dia, de cada semana, de cada mês, de cada ano, e de cada década.”

Como assim, você deve estar questionando e exclamando para que todos o ouçam: eu não odeio minha mulher, meu marido! Bom, me acompanhe com sua racionalidade: se você é um Arcanjo e está casado(a) com outro Arcanjo, concordo com sua afirmação. Mas, se por acaso, ainda esteja na escala humana e esteja casado(a) com outro ser humano, acredite em mim, em alguns momentos, sim, secretamente, você odeia partes de seu cônjuge.

Você: “Mas então, me fale sobre quais partes você se refere?”

(Antes, esclarecerei que se trata de um ódio metafórico que em nenhum momento você deseja que seu cônjuge morra, ou queira fazer algum mal físico e/ou psicológico e/ou moral a ele. É um ódio similar àquele sentido por crianças - por nossas crianças que um dia fomos - em relação ao melhor amigo que, horas é amado, outras odiado, na mesma intensidade, mas seguem inseparáveis).

Prossigamos, pense no seu cônjuge como se ele fosse um grande mosaico. Então, existem pequenas partes dele que você odeia. Vamos aos exemplos para que você possa acionar as suas memórias: em momentos de discussão, você ouve falas exageradas, agressivas, gestos inapropriados, insultos soltos ao vento, apontamentos injustos, comportamentos incoerentes, expressões raivosas, ou ainda, silêncios em momentos onde a palavra seria o socorrista, perguntas devolvidas quando você só esperava uma simples resposta, sorrisos cínicos te desaprovando, repetidas retóricas sobre fatos que aconteceram em outro século, cobranças sobre tudo o que você não tem feito pela família, incapacidade de escutar empaticamente sem sair na defensiva, excelência na capacidade de argumentar, deixando-o(a) completamente confuso(a), a ponto de acreditar que é culpado(a) por aquele conflito bélico. São aqueles momentos em que você olha para cima e pensa: “Oh céus, socorro! Dai-me paciência ou um controle remoto milagroso”. São nesses momentos que você, lucidamente, mastiga a sua raiva por 200 vezes e a engole. Ela desce contrariada, em prol da paz conjugal. Lembrou?

Mas o que ancora a estrutura da relação são as partes amorosas (milhares delas ou a maioria delas) que você ama, e sim, vocês edificaram significativas construções e por tudo isso vale a pena prosseguirem juntos.

Você: “Então, você me diz que eu devo persistir?”

“Poxa, você me faz perguntas complexas”. Mas, sim, lembrando que a pessoa que está ao seu lado é também o seu espelho. Partes do que você enxerga nele(nela) também são suas. Então, se você não evoluir nessas partes, digamos menos nobres, elas seguirão com você, onde quer que você vá e com quem você estiver. E você já se perguntou: “*quais são as partes do meu mosaico que acionam o ataque de fúria, a raiva, o ódio dele(a)?*”

Por conseguinte, saiba que o potente amor suporta, inclusive as partes odiosas dele(a) e as suas, porque no fundo as essências se amam e não suportam a atmosfera litigante, pois estão cansados, tristes, se sentindo derrotados, então a amorosidade de um ou de ambos sinalizará o refugio para que os impasses sejam superados, e com o passar do tempo as discussões serão amenas, o ódio será transmutado em respeito às diferenças, porque de fato somos complexos, e amar é preciso.

Márcia Pettenon - Psicóloga da Família